

Saci Pererê

David J. Ramos

Era aquele espírito que cristianismo não tinha catalogado, aquela inteligência voltada para as brincadeiras cínicas, entretanto portador de uma alegria, mas ao mesmo tempo de um lamento. Desenhado em 1923 para um jornal de Florianópolis, uma tirinha apresentava a personagem *Saci Pererê*. O jornal era de circulação diária, semanal, com desenhos e fotografias. As fotografias eram o grande charme da mídia impressa em 1923, e as historinhas em quadrinho que os jornais traziam amenizavam o sensacionalismo e as tragédias estampadas todos os dias no jornal daquela capital. Um repórter policial teve contato com o Folclore do Preto da Pastoreira, um famoso escravo Africano que teve contato com a Virgem Mariam em uma aparição nos Campos Catarinenses do início do século XIX, e uma devoção aconteceu mas depois se tornou uma lenda de bairro. Contada às crianças, e propagada pela memória do povo. É assim o povo brasileiro. Mas as lendas sobre a vida dos escravos Africanos que fugiam das Fazendas e perambulavam pelos campos e pampas se escondendo e fugindo dos Capitães do mato, militares caçadores de Escravos fugitivos. Os Pretos que fugiam eram chamados de “Negros” pelos Portugueses e muitas piadas eram feitas sobre a condição destas pessoas transformadas em mercadorias. Entre estas lendas estava a do “Saci Pererê”, que na década de 1970 ganhou os traços de Ziraldo, famoso cartunista brasileiro. Ele soube desta lenda neste ano, 1923, quando um colega de Faculdade de Medicina trouxe para ele um jornal do sul com a estorinha desenhada, e ele ficou curioso. Estudava na UFMG de Belo Horizonte, grande Universidade em que dedicavam totalmente seus esforços para estudar. Eles conversavam sobre muitos temas da cultura, e um dia falaram da pouca existência de Médicos Pretos no curso de Medicina. Imediatamente um dos colegas dele, Guimarães Rosa, era racista pra cacete e fez uma daquelas piadas e todos riram. Mas Guimarães ficou curioso sobre a história daquela entidade humanoide que tinha uma perna apenas e que usava um gorro vermelho e que andava pelos campos totalmente nu pulando em uma perna só.

— Mas existiu esse Negro que pulava de uma perna só e que tinha chapéu de feiticeiro e fumava um charuto? — perguntou Guimarães Rosa. Estavam no refeitório da Faculdade de Medicina, e alguns colegas almoçavam juntos naquela manhã.

— Eu acho que deve ser uma realidade acontecida. — respondeu um dos colegas, Felício

Andrade, filho de um rico fazendeiro do sul de Minas Gerais que estava na capital morando e estudando o 6 período do curso. — muitos escravos eram torturados tão duramente para garantir o trabalho, a produtividade das fazendas, os compromissos empresariais e comerciais dos fazendeiros com os políticos e com o governador do Estado, que forçavam os Escravos a trabalharem cada vez mais, o ritmo de trabalho desde 1822, com a Independência do Brasil de Portugal. Praticamente todos os países já tinham extinguido as leis que permitiam a Escravidão e o comércio de Escravos humanos, principalmente retirados da África. No Brasil a importação de Pretos começou em 1609, em Minas Gerais os primeiros Pretos da África chegaram neste momento histórico em que as guerras contra as Tribos Indígenas que governavam as terras de Minas Gerais chegava ao seu fim com o total extermínio dos índios, num total de 219 mil pessoas em um período de 20 anos. Em 1630 Minas Gerais assumia ao título de Estado que tinha erradicado os “Negros da Terra” como eram chamados os índios. Em Sabará, no centro do Estado de Minas Gerais uma grande expedição de extinção dos negros da terra contavam com 19 mil soldados, mais que um batalhão inteiro no exército. E foram por todos os lados na caça. A descoberta de ouro e esmeraldas nos rios de Sabará fez com que Oficiais mineradores viessem de todas as partes da Europa para estudar as melhorias da produção que consistia cada vez mais em grandes buracos cavados nas montanhas e grande quantidade de homens trabalhando nestas escavações e na lavra dos rios e riachos da região. Os negros da terra eram a grande ameaça, e uma vez erradicados os exércitos puderam construir fortificações para a extração das riquezas que abundavam. As demandas por alimentação das populações das Mineradoras trouxeram grandes quantidades de gado, uma mão invisível empurrava para frente a tecnologia da agricultura também, e as plantações de cereais começaram, também o algodão, e outras formas alimentares que os Portugueses haviam aprendido com os Índios como a Mandioca. Guimarães continuou a pergunta:

— Seria possível um homem, um preto fugitivo de uma senzala sobreviver com uma perna só e se tornar um feiticeiro tão importante? — disse ele. Mastigou a comida e olhou para os colegas. Conversavam tranquilamente, teriam aulas as 14:00hs, então havia muito tempo para uma refeição com tranquilidade.

— Se um acidente acontece e uma perna é arrancada, é possível estancar o sangue, obter cicatrização, e o paciente readquirir mobilidade aprendendo a se equilibrar, usando moletas inicialmente. — respondeu Felício. Naquela época o curso de Medicina era frequentado pelos ricos, a formação era dispendiosa, os materiais caríssimos e as crianças ricas tinham melhor formação para conseguir passar nos vestibulares. Fundada

em 1919, apenas em 1976 viu um Preto formado Médico, e depois dele outros 17 até 2020. E em 1923 eles estavam ali refletindo sobre isso, mesmo que timidamente. Felício continuou a falar. Os outros escutavam, logo voltariam para as salas, para mais matérias de Anatomia, e Cirurgia.

— Se você quer saber se é verdade, venha comigo nestas férias. Vou a Porto Alegre ver meus pais e te levo para saber se o Saci existiu! — disse um colega. Estava passando e viu os rapazes conversando sobre o Saci Pererê, aquele homem que andava de uma perna só dentro do redemoinho. Era Paulo Marcelo, estudante bolsista que veio do sul do Brasil estudar na UFMG.

— Só o Diabo anda na rua, no meio do redemoinho. Claro que um homem não conseguiria andar no meio de um redemoinho, se locomover dentro do vento só o demo. A lenda do Saci começa com esta dimensão metafísica desanimadora — disse Guimarães, se voltando para Paulo e ajustando os óculos. Os demais se animaram. Paulo e Guimarães eram os mais inteligentes da turma, e seus debates brindavam a todos com sabedoria e cultura. Ficaram ali no refeitório, depois de comerem. Alguém surgiu com uma garrafa de vinho que tinha escondido no armário e todos beberam e continuaram o assunto.

— Esta lenda é verdadeira. Na historinha em quadrinhos a ideia está inspirada no trabalho do escritor Monteiro Lobato, um paulista e empresário que desenvolveu uma excelente obra sobre a cultura brasileira e o folclore infantil do sul do Brasil. Ele descreve com muita perfeição o Saci Pererê — disse Paulo. Conversaram e depois foram para a aula. Combinaram de Guimarães Rosa passar uns dias na casa de Paulo Marcelo e pesquisar sobre os amputados da Escravidão e a lenda de Saci Pererê, um desses amputados que possuía poderes místicos e vivia nu pelas florestas do sul do Brasil saltando de perna direita, com um cachimbo na boca, sempre pitando drogas jamaicanas, com um gorro vermelho na cabeça e completamente pelado. Eu já disse isso, estava sempre nu, como uma forma de indigenidade? Pode ser, mas era uma lenda para assustar crianças. Só que os jornais tinham resgatado essa imagem, as tiras de quadrinhos de jornais sulinos desde 1930 publicavam em massa os quadrinhos do Saci Pererê, a personagem maluca que fazia todo tipo de travessura com os imigrantes nas fazendas e nos campos. Escondia coisas dentro das casas, roubava dinheiro das carteiras das pessoas, fazia milagres, bebia leite e colocava água nas garrafas, abusava dos bêbados de madrugada, e fazia feitiços. Então naquelas férias estudantis Guimarães Rosa passou aquele tempo no interior de Santa Catarina, e foi pesquisar acervos e registros nas bibliotecas das cidadezinhas. Estava de férias, tomava sua cachacinha, ia lá na biblioteca, lia, anotava, passeava, comia a comida do sul do Brasil. E foi assim até que achou um manuscrito, na

biblioteca da cidade de Santa Bárbara do Sul, um livro de muitas páginas, empoeirado, escrito no final do século XIX. Tinha como título “Manuscritos do Saci Pererê do Brasil”

1. Arrancada a Perna esquerda

Diante de Deus, me calei. Nada havia em remédio aos meus pecados na minha opinião. Mas, diziam que Deus era compreensivo ao extremo, então entrei na igreja vazia. Estava vazia, era uma capela barroca construída para a devoção dos povos que viviam na fazenda, aquela enorme fazenda que a família tinha preservado dos avós e dos avós dos avós, desde quando os Portugueses chegaram e fizeram exércitos contra os índios para os matar e tomar suas terras, e tomaram mesmo. Mas diante de Deus ninguém tem nada. Tudo é dele. Deus é um agente nadificante para o ser humano. As divisões étnicas são nada. As diferenças entre culturas são nada, a moralidade diante de Deus é nada. Eles tentam criar um discurso religioso de que existe uma “palavra de Deus”, mas o ser humano é insignificante demais para isso, para receber isso. Somos como que formigas inteligentes e gigantes que caminham pela terra com formigueiros diferentes, mas controlados como populações de formigas, alienadas para certos aspectos da experiência real de vida, hipertrofiados em nossa genética para o acesso a certas dimensões da percepção, com vidas tênues e breves. Até um prego enferrujado tira uma vida em algumas horas. Uma picada de cobra venenosa tira uma vida em alguns minutos. Já vi crianças brincando de bola cheias de vida, e segundos depois caídas mortas no campo de futebol depois de uma picada de cobra. O corpo arroxando. Onde havia risos, agora há gritos de dor e, depois, a garganta sem vida e putrificando rapidamente. Há as crianças fantasmas. O povo da fazenda fala de vultos no cemitério. Eu, que estudei, eu, que já fui a outros grandes centros políticos e econômicos, eu, que já vi reunidos milhões de seres humanos, em grande quantidade de diferenças de todas as formas, eu não me assusto ou me surpreendo. Sou um médico. O ano de 1923 é perfeito. Um ano de boas economias para o Brasil, um ano de festa pelos cem anos da Independência do Brasil, cem anos apenas que Portugal cortou nossos laços de maternidade e paternidade em todas as áreas. E depois do Golpe de Estado de 1989, se configurou a bandeira nacional, o hino, e todas essas firulas e acréscimos sem os quais nunca haveria um nacionalismo, tamanha eram as penúrias que a população trabalhadora sofria. O Brasil é um lugar inventado por militares para que o trabalho humano possa ser o máximo explorado. Desde as invasões militares de Portugal em 1500, passando por todas as guerras de

unificação e modelação geográfica que o Brasil viveu para ter um território tão extenso. Desde que se formou um exército com armas de fogo, cavalaria, e tudo mais, altas patentes, os Marechais, os Generais, quando tudo isso começou a se moldar, o controle do trabalho humano, o controle do corpo humano para o trabalho se aperfeiçoou de tal maneira, o trabalho escravo sugava tudo do homem e da mulher, era perfeito para o Brasil da época, era perverso, era potência de muito e muito dinheiro pois os escravos trabalhavam em quase tudo que se pode trabalhar, ergueram cidades do chão, derrubaram matas, cavavam sua própria cova, davam muita riqueza aos donos, davam segurança, e o melhor produto disso é o Capitão do Mato. Um posto militar concedido a ex-escravos somente. São os militares responsáveis por caçar e prender os negros fugitivos das fazendas ou de qualquer localidade dentro do Estado onde uma mercadoria humana foge de seu trabalho. Basta ligar para o quartel dos Capitães do Mato, ou passar uma mensagem pelo Instagram, ou pelo Facebook, que logo a guarnição dos Capitães do Mato chega e presta os serviços necessários. A propriedade privada é um direito de todos os cidadãos do Estado, e se um ser humano pode ser transformado em mercadoria, então os direitos dos proprietários destes seres humanos mercadoria precisam ser protegidos. E o Estado Brasileiro, mesmo quando colônia de Portugal zelou profundamente por este direito. Foi naquela manhã que a viatura dos Capitães do Mato, num Uno 2001, pintado com as cores da corporação militar, foi atender uma chamada de mais um escravo fugitivo. A viatura seguiu até o local, uma vila na entrada da fazenda, um lugar de pessoas honestas e trabalhadora que vez ou outra sofria com essas fugas desses ordinário, filhasdaisputa — disse o Capitão. Como não havia outra patente a não ser a de Capitão (não haviam soldados, cabos, sargentos do mato. Apenas Capitão. E era o posto mais alto inclusive, não havia major, coronel, general do mato. Apenas o Capitão. Você já entrava na profissão como Capitão e terminava aposentado como Capitão), eles tinham grandes conflitos para determinar a autoridade imediata nas missões. Então, era o homem mais sanguinário e perverso que era escolhido como chefe. As pessoas ficavam muito impressionadas com as notícias da Televisão, as pessoas se acostumaram a organizar o pensamento de forma que a realidade oficial, o que realmente acontecia era de fato o que se anunciava. A entrevista do Capitão do mato naquela manhã fez o programa daquela apresentadora loira se tornar a grande sensação daquele dia. Era assustador o trauma, era assombroso o terror, era abissal o pavor que aquelas notícias estavam provocando:

— os exames da perícia dos policiais Capitães do mato foi conclusiva? — perguntou a reporter de campo. Tão linda, olhos verdes, sorriso mineiro com vivo batom, cabelos

longos. Fez a pergunta e apontou o microfone para o Capitão

— detectamos o sêmen do acusado no anus das crianças, que foram queimadas depois para esconder o crime. Também encontramos vestígios do mesmo material genético no sangue que estava na cozinha, no banheiro, nos quartos da casa que foi invadida. O bandido foi até a casa das vítimas, cometeu os assassinatos, depois foi até a escola, realizou barbaridades e ateou fogo no local — disse o Capitão, vestindo a farda linda da corporação, com as mãos em posição de sentido, circunspecto, sério policial que realizava grande trabalho.

— mas foi o preto mesmo? — alguém perguntou. Deram de ombros, não sabiam exatamente.

— a polícia então conclui que foi mesmo o rapaz apreendido — disse a repórter, olhando para a câmera com seu rosto de preocupação sincera

— afirmativo. Encaminhamos várias viaturas para o local onde as denúncias anônimas relataram que o rapaz estava escondido e o capturamos. Ele está na delegacia para interrogatório. — respondeu com segurança o Capitão. Passava para a população a imagem de tranquilidade, mas por dentro estava apreensivo. As fugas de escravos estavam aumentando. E esses monstros soltos cometem essas barbaridades! — pensou. Agradeceu a reportagem e seguiu para a delegacia. Acontece que durante o interrogatório a perna esquerda do rapaz foi arrancada. Os militares eram tão dedicados ao serviço, ao trabalho de proteção e segurança da Pátria amada Brasil que agiram com objetividade demais, e arrancaram a perna inteira do rapaz. Era um pau-de-arara moderno, amarraram o rapaz ali, pelado, submeteram a profunda humilhação e agressão para que ele contasse os detalhes tão importantes da investigação. O rapaz negava todas as mortes, negava a morte da família, negava a morte das crianças na escola, negava tudo. Isso estava errado. Os Capitães tinham convicção de que aquele rapaz preto escravo fugitivo, ou seja, já na vida do crime, cometera aqueles atos hediondos, essa era a linha de investigação. Pois aquele inesperado incidente aconteceu, a perna se partiu e rompeu do corpo depois daquela pequena e inocente manivelada no pau-de-arara do escritório de inteligência dos militares, e ficou aquela cena, o rapaz pendurado no alto do pau-de-arara, com torniquete no pescoço, fios elétricos ligados na língua, fio de chuveiro ligado no cu, no anus, tudo ligado na tomada e funcionando, e a perna esquerda no chão, que ficou cheio de sangue. E o sangue jorrava do buraco no corpo do rapaz pendurado no alto do pau-de-arara, que gritava gritos tão agudos, tão poderosos que se podia imaginar o conflito íntimo que ele passava. Que pena, mas não era culpa de ninguém que ele tinha nascido preto, e a igreja cristã dizia que era isso mesmo, escravos eram pra existir

mesmo, e se a igreja dizia isso, se o padre dizia isso na missa, o que eu iria fazer? Fui chamado correndo pra atender ali o interrogado. Entrei na sala, os capitães estavam de pé, muito consternados, se desculpando, lamentando, alguns choravam por perder um interrogatório tão bom. Olhei para o alto da sala, lá encima pendurado e tomando choques, e gritando de dor estava o suspeito. No chão sua perna sangrando. Um dos militares colocou o fio do chuveiro no osso da perna e o pé se mexeu sozinho. Ah, foi a alegria daqueles homens, brincavam de colocar o fio elétrico naquela lamaceira de sangue e viam os dedos do pé da perna amputada do corpo se mexer. Os olhinhos brilhavam, como era bom ver os militares felizes, rindo, alegres. Era tantos crimes no Brasil, Deus me livre. Mas para eu realizar meu trabalho de medicina tive de pedir para desligarem o chuveiro e recolherem os fios de todas as tomadas da sala eles usaram todas as tomadas para ligarem fios ao rapaz. Era um interrogatório muito importante, a segurança nacional dependia disso, diziam os Capitães. Ajeitaram as fardas, impecáveis. E desligaram o complexo sistema de geração de choques elétricos de 220 volts. Era a inteligência militar de vanguarda. Deixaram-me ali com o rapaz pendurado e sua perna no chão. O corpo do rapaz tremia. Não consegui dos Capitães ajuda para retirar o rapaz do alto, era hora do almoço deles, e eu mesmo o desamarrei dos grossos nós que o prendiam àquele embricado sistema de madeira que o colocava em posição fetal no alto de um pau. Realmente parecia ser muito eficiente para o trabalho militar de inteligência pendurarem pessoas ali durante as confissões e interrogatórios. Pena que as vezes acontecia isso, um membro do corpo ser amputado devido aos apertados ajustes e amarrações com aquelas cordas grossas. Apertaram com tanta força aquela corda no corpo do rapaz que ela amputou a perna. Que força heim! Que vontade. Quanto à perna, nada se podia fazer. Era jogar para os porcos comerem. E foi o que fizeram, quando mediquei o rapaz, vieram e levaram a perna para jogar no chiqueiro. Porco come tudo meu amigo. Qualquer coisa que você jogar para eles você vai ver que eles comem, até pessoas vivas se você jogar lá no chiqueiro, crianças, adolescentes, mulheres, vixi! Eles comem mesmo. O porco tem dentes afiados, eles são raças de porco do mato que os seres humanos domesticaram a 10 mil anos atrás na Ásia e se tornaram um rebanho grande de animais híbridos. Era possível comprar alguns porcos e ter um chiqueiro bom, onde todos os restos orgânicos de uma família, os restos da roça, até fezes se você quiser, se você for um mal caráter na hora de cuidar de uma criação animal, eles comem tudo, já vi eles comendo gente viva, pedindo pelamor de Deus pra tirar o bicho de cima e o bicho mordendo e mastigando o corpo do sujeito vivo, era um criminoso. É um espetáculo sangrento na verdade, as pessoas gritam muito nestas condições porque o

porco é um animal muito místico e assustador. Imagine um leitão de 300 kg com aquela bocarra comendo você ainda vivo?! Vixi! Mas eu foquei no rapaz. Tirei o cara daquela estrutura, ele perdia sangue demais no cotoco que ficou da perna, arrancada praticamente inteira. Estanquei o sangue com algumas substâncias altamente coagulantes. Quantos riscos! Parada cardíacas, infecções! A sala de interrogatório não era o lugar mais limpinho do mundo né. O rapaz estava inconsciente, nem gemia, tinha respiração, mas tremia, estava ficando roxo, o sangue parou de correr, enfaixei o local do melhor meio possível, como eu faria se o ferimento fosse na Rainha da Inglaterra. Sim, porque era minha profissão e os militares queriam o rapaz vivo para continuar o interrogatório. Ele deveria enfrentar a justiça. Penso que Deus é justo, se o cara nasceu negro, e se a lei determina que os Pretos precisam trabalhar como mercadorias humanas, quem sou eu pra contrariar tanta estrutura. Fiz o melhor que pude, deixei o rapaz respirando. Na história da medicina há muitos casos de amputações felizes, e o caso daquele rapaz seria mais um para os anais médicos brasileiros da Medicina de Escravo, esta linha acadêmica tão rica nos cursos de Medicina. Nas matérias do curso de Medicina focadas para o mercado dos Escravos havia muitas novidades e muitos aprendizados, que são usados até hoje para o trabalho nos postos de saúde das periferias.

2. Os curativos no Quilombo

— Sejam testemunhas do nosso tempo! Estamos vivos, no presente, para que a vida seja protegida, a vida que vale a pena proteger. Ladrões, traficantes, assassinos, pedófilos, maconheiros, precisam ser extintos. Esse câncer da sociedade precisa desaparecer! — disse um Capitão. Conversavam no refeitório do quartel. Limpinho, toda ordem e progresso. Os Capitães do mato realizavam um ótimo trabalho pelo Brasil afora, protegendo a propriedade privada das grandes famílias brasileiras, que trabalhavam duro pela riqueza e progresso da nação. O Brasil devia muito às famílias dos grandes fazendeiros, às famílias ricas, aos filhos belos e ricos, que herdavam e agiam com relevância na produção empresarial, industrial, comercial do Brasil. Ai de nós não fossem os ricos. Aquele Capitão chefe ficava assentado olhando os outros. Era como um Bulldog, os dentes caninos eram grandes, na verdade os dentes dele eram grandes, e ficavam as pontas dos dentes pra fora da boca, mesmo fechada. Os olhos eram arregalados, como os de um psicopata. Aqueles olhos pesados, cheios de ódio, sempre vermelhos de raiva. Olhou calado a todos os outros capitães do mato.

— Temos que achar o quilombo — disse o chefe dos capitães do mato do sul. Cada guarnição de capitães do mato tinha um chefe, que também era capitão do mato, já que esta corporação não tinha outra patente militar além de capitão. Os quilombos abrigavam as mercadorias que fugiam de seus donos, tinham um sistema de saúde muito bom pois muitos curandeiros fugitivos tinham aprimorado a magia da guerra, a magia para o tratamento de traumatizados pela guerra e pela escravidão a guerra causa muitos impactos mentais. A escravidão é geradora de muitos traumas mentais, depressão, câncer, tuberculose e enlouquecimento.

— é verdade! É verdade! — disseram todos ao mesmo tempo.

3. Encontrando os Manuscritos do Saci Pererê

Era João filho de um europeu, Augustus, um italiano nascido em Roma, a capital comum ao Estado da Itália e ao Estado do Vaticano, uma estrutura teocrática fundamentalista do cristianismo ocidental. Dia 09 de agosto nasceu o filho de Augustus, seu quinto rebento, um menino. De posse de sua mulher e seus cinco filhos, no dia 12 de agosto eles embarcaram para o Brasil, era o ano de 1835, o Brasil era um lugar novo e acolhedor de imigrantes, e a guerra na Itália era severa e temendo pela morte Augustus inscreveu a família em um programa de bolsa imigração do Estado brasileiro, e junto com outras 60 famílias embarcaram no navio *Desideria* do porto da Itália até as ilhas da Madeira, onde tomariam o navio *Boa Esperança*, as 9:00hs do dia 17 de agosto. Navios grandes, com capacidade para até 600 pessoas e tripulação, navios de aço e ferro. A pequenina criança embrulhada em mantas coloridas e abraçada pela mãe se chamava João, e tinha o rostinho rosado e sorridente. Deixaram a Europa em uma viagem que saia de Portugal até o porto de Vitória no Estado do Espírito Santo, no Brasil, que naquela época pertencia ao território do Rio de Janeiro. Em 1834 a viagem de navio de Portugal ao Brasil durava 38 dias, e se encontrassem as tempestades de verão no alto do atlântico, abaixo da linha do Equador, aumentava a duração, ficavam várias semanas além disso pois o Mar carrega. O Mar carrega mesmo! O Mar trouxe os Portugueses e demais europeus nos anos de 1500 para realizarem guerras em território brasileiro. Os franceses no Rio de Janeiro, os holandeses na Amazônia, os ingleses em Minas Gerais, um a um os Portugueses foram vencendo com todas as armas possíveis. Foram mais competitivos e configuraram um imenso território onde muito sangue correu, a moeda do Brasil era o sangue, esse deveria ser o nome das cédulas e moedas de dinheiro no Brasil de Portugal, que ficou assim até o

ano de 1822 quando a colonização terminou e Dom Pedro I se tornou Imperador do Brasil para herdar a estrutura de Estado. João e sua família chegaram finalmente ao sul do Brasil, em Florianópolis em 8 de Setembro de 1835, e da Capital seguiram até a grande fazenda mais ao sul onde iniciariam os trabalhos previsto no contrato da bolsa imigrante que assinaram lá na Itália e que previa o arrendamento de umas terras por 20 anos no sistema de divisão da produção em 80% para o fazendeiro e 20% para o agricultor, e o Augustus vendo a loucura que as ruas de Roma estavam se tornando, os cadáveres dos opositores do governo amanhecendo nas sarjetas, a perseguição, as polícias secretas, toda aquela infância do regime fascista italiano que explodiria lá no século XX afora. Augusto e a família foram levados de carroça até a cidade do interior, e da cidade do interior foram de carroça até uma cidadezinha, e da cidadezinha foram de carro de boi até a fazenda, e da fazenda foram a pé até a roça. Ficaram na roça e os donos foram embora. Só tinham a roupa do corpo. As 60 famílias do programa bolsa imigrante daquele ano de 1835 foram distribuídas em vários vilarejos e terminaram chegando nas roças, onde era o lugar de realização do contrato. Lavouras de mandioca, café, algodão, milho, cana, beterrabas, uvas, batatas. Só lavouras. Era a derrubada da mata e o plantio de roças. Era só isso. Derrubar matas e plantar roça. E Augustos nada sabia de roça, vivia em Roma, era um urbanóide do século XIX, e com os filhos aprendeu a derrubar árvores, arrancar raízes, imensas raízes, lavrar a terra e deixar sementes e mudas, e cuidar das pragas e trazer a água dos córregos. Do fazendeiro ele recebia uma caderneta pra fazer as compras no armazém da vida, com um limite de crédito determinado, pra comprar alimento e provisões para a roça. Tudo giravam em torno da roça, e periodicamente eles vinham e levavam a produção, que variava de espécie em espécie de plantas cultivadas. Eles trabalhavam 18 horas no verão, e 10 horas no inverno, que é o tempo de sol que aquela região recebia. Os primeiros raios de sol encontravam a família já trabalhando, e os últimos raios de sol encontravam a família de Augusto ainda trabalhando. Grandes extensões de terra, sempre derrubando mata e plantando roça. Todos os assuntos da família eram sobre a roça. Acordavam falando de roça, e iam falando até dormir. Criavam galinhas, e domesticaram alguns bichinhos e Augustus foi se adaptando, era uma completa brutalidade, não leu um jornal por oito meses, os oito primeiros meses foram brutais, seu corpo cheio de feridas de insetos, de calor do sol nas costas. E no final do ano de 1836 começaram a colher as primeiras safras, as primeiras sobras, construíram um celeiro grande, e então, de 1836 até 1847 a família de Augustus se adaptou à terra. Nunca falaram uma palavra sequer em Português, não conheceram nada da língua portuguesa, nem palavra nenhuma, todas as conversações eram em italiano, e a vila da

fazenda, o armazém, o boteco, até o puteiro eram lugares frequentados por italianos. Foi no ano de 1847 que Augustus viu o primeiro homem negro em sua vida, o primeiro preto, era curioso um homem completamente preto, ele estava voltando com o filho de um matagal bem longe de casa. Um dia de viagem, mas precisavam pegar mudas, trocar mercadorias com o sítio vizinho. João, já com 12 anos foi quem viu primeiro aquela tropa de Escravos caminhando, unidos pelos pescoços com correntes, caminhavam em fila indiana, uma imensa fila, a cavalo iam muitos homens vestidos de farda, passaram por Augustus e João, que ficaram parados, aterrorizados, nunca tinha visto nada assim. Havia pretos na Europa, muito poucos, Augustus tinha visto nos portos e ferrovias por onde passou, mas nada assim, homens com correntes no pescoço. Eles olharam para Augustus e para João. João ficou olhando para aqueles homens e mulheres presos pelo pescoço, estavam num silêncio profundo. Muito também não sabiam a língua portuguesa. Em 1848 saber falar a língua portuguesa não era para todos. A maioria falava um dialeto que misturava palavras de idiomas africanos (de escravos vindos de todos 149 Estados que compõem o continente Africano), palavras e estruturas verbais de algumas línguas que formam o tupi-guarani, e muitas palavras da língua Italiana, um dos idiomas mais antigos do mundo com escrita ocidental. Aquele dialeto não existe mais no século XXI. Os museus de preservação desta história do Brasil foram cancelados pela quebra de muitos Ministérios depois do golpe de Estado de 2016, onde um grupo de anti-história esteve no interior do país para destruir locais de preservação da memória, como ocorrido no museu da Escravidão de Ouro Preto que guardava milhares de peças do período, como elementos de tortura, de marcar a pele do escravo, de altas paradas com as minas, com as gurias, com as mulheres e tais. Era cabuloso. E um militante de anti-história, um turista Alemão, recebeu ordem da comitiva internacional do movimento e o cara colocou fogo no próprio corpo dentro do museu explodindo cinco ogivas de granadas. A arquitetura de Diamantina, característica do século XVIII sobreviveu na continuidade do fluxo artístico barroco, era muita coisa que tinha mudado em tão pouco tempo, quando as mudanças gravitacionais indicam a mudança da ética. A gravidade quando muda também muda a ética. A ética é um fenômeno físico do universo que se altera em condições de mudança de temperatura, pressão atmosférica, clima, alimentação, termodinâmica, magnetismo, uma série de fatores interferem na constituição da ética. Não apenas fatores sociais. Os fatores que fizeram com que um ser humano pudesse se tornar uma mercadoria e ser vendido nas praças de Diamantina para todo o Brasil tinham possibilitado que aquele grupo de Pretos pudessem viajar de Minas até Santa Catarina e rio Grande do sul. E para quê? Havia muitos imigrantes italianos nas roças, porque eles querem trazer pretos

para cá? — perguntou no dialeto Augustus. O Capitão do mato parou o cavalo, a marcha parou, e foi responder ao homem. — pelas obras que o governo quer fazer meu amigo, umas barragens, uns prédios governamentais, é a construção civil, para tanto é preciso mais mão de obra e foram buscar os pretos para trabalhar aqui nessas bandas — disse o chefe dos capitães do mato daquela região, ele era um bonachão. — para as melhorias da cidade, calçamento, pavimentação, e o escravo é a mão de obra mais barata mesmo — ele disse. Desceu do cavalo, tirou o chapéu militar, estava quente e eles estavam caminhando por quilômetros e quilômetros sem parar desde o amanhecer. O Brasil em 1849 era um lugar pouco povoado, se podia andar dias e dias sem encontrar outro ser humano. Depois das guerras contra os índios o interior do Brasil ficou muito mais desabitado, e por isso foi possível o loteamento daquele imenso cabedal de terras arrendadas às famílias do programa bolsa imigrante e as 60 famílias tiveram grande sucesso no ano de 1836. já no começo de 1850 o panorama começa a mudar com certas proclamações da Igreja Católica Anglicana de Londres sobre o comércio escravo. Porém, no Brasil, mesmo naquele ano de 1848 ainda se comprava pessoas vivas nas praças de Diamantina, que era o mercado de preto mais famosos do país, o lugar onde se comprava os melhores homens e mulheres. Tinha um segmento de prestígio de fazendeiros do interior e das capitais do Brasil onde se podia comprar e vender negros e pretos. Em Diamantina aquele turista alemão se explodiu em 2001 e arrasou um quarteirão. Ele entrou no museu da Escravidão, as câmeras de circuito registraram sua imagem. A caixa-preta do museu guardou as filmagens da forte explosão pois o museu já estava sofrendo ameaça de grupos extremistas contra a memória da escravidão pelo mundo, considerada por eles como uma propaganda anti-humanismo o que eles queriam era destruir provas fabricadas pela esquerda, esses esquerdopatas! Esses esquerdistas que criam uma história em que a escravidão existia pois não existiu! Era apenas a submissão de uma cultura superior sobre uma cultura inferior, em todos os aspectos — diziam os militantes da anti-história. O atentado de 2001 causou muitos feridos e alguns óbitos, incluindo o próprio terrorista. E com o museu uma grande quantidade de documentos originais da época, de objetos, de fotografias, um acervo de 400 mil fotografias, microfilmes, esculturas e pinturas, telas e quadros, murais, ferramentas de tortura, depoimentos gravados, filmes de cinema, autógrafos de líderes pretos mundiais que visitavam o museu. Tudo isso foi explodido, foi a maior crise da cidade de Diamantina que recebeu apoio mundial na luta contra o terrorismo histórico. O turismo da cidade passou a ser controlado por militares, que fiscalizavam a rodoviária e toda a cidade. Depois das 22:00hs os cidadãos eram convidados a se fecharem em sua residência, tanto para que

as assombrações e fantasmas pudessem transitar pelo mundo dos vivos causando medo e falando psicofonias nos ouvidos dos vivos tentando contar como é o mundo dos mortos sem poder contar. João ficou olhando aquelas filas de pretos acorrentados sentados na beira do caminho, na sombra de um bambuzal. A região tinha muitos bambuzais, se formos fazer um filme sobre 1848 temos que colocar estradas de terra e imensos bambuzais. Os Bambus são uma vegetação secundária muito boa para substituir uma mata nativa. Os bambus são oriundos da Ásia e são plantados nas beiras do caminho e nas entradas dos córregos. São ótimas plantas para conservação do solo:

— mas são difíceis de arrancar — disse um menino preto Pererê. Estava de pé, perto de onde os homens brancos conversavam. O pai e o filho conversavam com o Capitão do mato. Os outros capitães estavam na sombra de um ipê amarelo enorme, cheio de flores, com uma sombra agradabilíssima, parecendo um clipe musical da Legião Urbana. Era uma criança da mesma idade do João. João era muito loiro, com os cabelos grandes, quase ruivo, carregava uma pesada sacola de mudas e sementes que foram buscar ele e Augustus, que conversava com o Capitão do Mato. Quando a criança negra entrou na conversa falou, o Capitão do Mato só olhou brabo e o menino foi se assentar. João era uma criança profundamente curiosa, e educada, e acompanhou o menino que caminhou até onde a corrente permitia e se assentou no meio da galera. João se aproximou do menino e perguntou o nome dele

— meu nome é Pererê — respondeu o menino preto. Falaram no dialeto. As crianças podem aprender rápido este dialeto e ele é curto, são poucas palavras, sempre com o tema da roça, tudo sobre a roça, palavras referentes à roça. Em toda parte na região se usa este dialeto. Quando os imigrantes conversam eles fala o italiano. Mas quando falam com um negro, um brasileiro, um índio, um reinol, um caboclo, um mestiço, um mulato, um cafuso, um qualquer que passe ali, ou se esconda ali naquela região imensa e desabitada, de muitas guerras passadas, muito sangue de muitas gerações, despedaçada por secas, e queimadas. As roças dos europeus e as roças dos índios se usava a queimada como forma de limpar a roça das raízes fundas demais. Só o fogo contra as raízes. Queimar o chão literalmente. Os pais falam o dialeto italo-indígena. Eles não tinham religião. A religião cristã estava em crise desde o século XVI não representando mais o grande apelo, a religião cristã chegou ao Brasil em meio à sua grande crise, de padres pedófilos, de submissão da Mulher, especialmente de submissão da Mulher, a religião de homens no comando, era isso, e eles não tinham religião. Os índios tinham, os escravos não podem ter, e os europeus estão cansados demais de milhares de anos de promessas sem realização. Promessas tolas. O menino preto ficou sentado no chão, aos

pés do Capitão do Mato. Ele tinha se divertido no caminho, eram bons com ele, davam pão e água, e frutas. Os Capitães do mato tinham dó das crianças, não gostavam de bater em crianças, e por eles nem corrente usavam. Crianças são leais, são obedientes, obedecem a ordem, cooperam, são divertidas. Mas os jovens rebeldes e os adultos apanhavam muito, com muitos chutes. Foram um comboio de longa viagem pra levar os Negros a tão longe destino, de Diamantina á Florianópolis, em parte andando, de Diamantina a Barbacena, em parte de Trem de ferro, que saía de Barbacena até São Paulo. De São Paulo continuavam de trem até Florianópolis na ferrovia dos escravos, como era conhecida, pois eram milhares de vagões cheios de pessoas compradas em Diamantina que seguiam para várias regiões do sul do Brasil, desde 1800, com a fundação desta linha de trem, era um bom investimento, e após 30 anos de funcionamento daquele tráfico, 40 anos, 50 anos de compra e venda de pessoas para o trabalho forçado, eram milhares, poucos milhões de pessoas no final das contas. Estimam-se 80 milhões de pessoas comercializadas com Portugal, que buscava na África, entre 1500 e 1880, nos 380 anos de estrutura colonial escravocrata portuguesa, um tempo quase interminável, 70% desses indivíduos morreram durante o transporte. 30% chegaram até as roças, às repartições públicas, às cidades, às cortes, às igrejas, ao sexo, ao comércio, ao entretenimento, ao trabalho braçal, à polícia, a todos os setores da sociedade civilizada, em que o trabalho escravo podia ser empregado.

— meu nome é João — disse o menino que descansava com a pesada sacola aos pés. O menino preto sentado perto dos pés do capitão do mato, e ele o João sentado perto do pai. O Capitão do mato contava entusiasmado a Augusto que ele era um profissional do transporte de escravos pelo Brasil, que fazia muitas rotas e que com a ferrovia os negócios só tinham a crescer, ele disse. Estava satisfeito pois sem as tribos indígenas não havia mais ataque aos comboios que transitavam pelos Pampas e pelo Cerrado, desde os portos do Espírito Santo. Os pretos seguiam da África do Sul até o porto de Tubarão, na Capital Vitória. Naquele período havia o Apartheid na África do Sul, sistema fascista de governo racista que era grande executor de descendentes populacionais negros. Eles vendiam uma parte e matavam a outra parte. Mas havia os pretos que trabalhavam par ao governo, eram os legalizados. O mar carrega o bem e o mal. O mar carrega, meu filho! Você acha? Vixi! O mar trouxe os navios para as praias brasileiras, o mar veio carregando eles, sem perguntar o motivo, apenas deu as costas e veio empurrando com o vento aquelas frotas.

3.1. O mal é o modo da opressão

Capitão do mato, aquele outro era um homem gordo, com a pança saindo para fora da farda, a camisa desabotoada no peito, pois estavam no Brasil baby! Se liga viado!

— vou trabalhar na Fazenda São Tomé, é isso que eu sei — disse o menino preto Pererê — minha mãe e meus irmãos, e meu pai, eles morreram sabia? — disse o menino Preto. Olhava para o branquinho ali, tadinho do menino branco, parecia perdido ali.

— eu moro com meu Pai, minha Mãe e minha família, sou agricultor — disse João. 12 anos os dois meninos, falando um dialeto do sul do Brasil. Ali em pé o capitão do mato contava seus feitos durante o transporte daquela carga de escravos, ele se parabenizava por ter trago os 120 escravos com saúde. Foram 20 dias do porto até ali, todos saudáveis, todos vivos, as despesas com alimentação estavam em dia, tinha ganho um bom dinheiro — uma grana preta! — segundo as palavras dos antigos. E aquele pretinho acorrentado ali era sua mascote — divertido viu? Menino engaçado, inteligente, vai ser um bom trabalhador! — disse o capitão do mato. Dinheiro? Só recebia quando a carga era entregue, então ele fazia o caminho de volta até São Paulo, lá eles recebiam, no banco do exército, e de São Paulo ele ia para Belo Horizonte onde residia. Na sua tropa de capitães do mato, um grupo de jagunços bem armado com autoridade para matar escravos fugitivos concedida pelo governo do Brasil tinha capitão do mato que gostava de ficar com outro capitão do mato, gostavam de trocar carícias, uns beijos e tals. — disse o Capitão do mato. — isso é normal, entende? — falou. E logo outros dois capitães do mato se aproximaram e começaram a trocar carícias na frente de Augustus, e beijos de língua e tal, e Augusto resolveu sair dali com o filho para que a inocência dele fosse preservada. Augustus sabia desses comportamentos homossexuais, na Europa era comum, e o que o capitão do mato queria dizer era que isso era normal entre os seres humanos. Mas viu que Augustus não se agradou e apenas riu, deu uma gargalhada, ao lado deles e das crianças que conversavam os dois capitães do mato gays se beijavam. Os pretos sentados do outro lado do caminho riam e batiam palmas. Era um circo humano mesmo. Pai e filho saíram de perto e seguiram para dentro do mato em direção a casa deles. O Capitão do mato chefe deu uma gargalhada, mandou os pretos ficarem de pé, deu um chute nos dois que estavam se beijando! Que loucura viado! — disse o capitão do mato rindo. Voltaram a seguir o caminho em direção à fazenda, eram dias e dias de viagens, aquele capitão do mato fizera o trabalho com aprovo, era sem pre bom voltar com os companheiros e receber o soldo militar pela missão cumprida. Ele era bem-humorado, o que fazia seu trabalho sempre mais agradável, pois era um trabalho desumano. Ele trazia

sempre de 12 a 20 outros capitães do mato com ele nessa comitiva. Era sempre um capitão do mato pra cada grupo de 10 escravos. Era assim que ele organizava e dividia o custo das despesas, os gastos com a comida dos escravos, com o vagão do trem, com os carros de boi, ou cavalos no caso de escravo ferido, ele garantia a mercadoria que ele transportava os seus jagunços eram bem treinados no tiro e na justeza do trato com a mercadoria, afinal eram outros seres humanos, viado! — dizia o capitão do mato chefe daquele grupo. Era muito grande e gordo, com uma cara bonachona e grandes olhos castanhos. Uma vez montado no cavalo os negros ficaram de pé e começaram a caminhar, Pererê deu um salto, bateu palmas e se despediu de João acenando para ele. João olhava para trás seguindo o pai. Esperou os escravos se levantarem, acenou para Pererê, e entrou no mato seguindo o pai. E foi seguindo o pai pela trilha dentro da mata até a casa deles.

3.2. Pequenos movimentos do sol distante milhões de quilômetros daqui fazem meu mundo acontecer

João se sentiu cansado. Alguma coisa estava lhe contando. Ele se levantou de repente — gente, vou pra casa — ele disse. Já eram outros tempos, João já estava com 41 anos, estávamos já em 1876, o Brasil estava passando por transformações aceleradas, a Monarquia Brasileira vivia as crises de governo, a família Imperial tinha grandes cisões internas, conflitos por dinheiro e poder, mulheres arrogantes e homens ignorantes eram Duques, Princesas, Condes, Marquesas, Reis, Imperadores, Rainhas, e centenas de títulos de nobreza que eram papéis com linhagem e carimbos históricos dizendo que aquele fulano era um bicho raro. Pessoas eram assim mesmo — disse João pegando o terno e seguindo para a saída do Edifício em que trabalhava. João era funcionário do comércio. O comércio de pessoas humanas crescia. Se vendia pessoas vivas para várias partes do país, e o Brasil contrariava os principais acordos históricos que desde 1850 haviam proibido o tráfico e manutenção de pessoas na Escravidão. Em 1876 a cidade de Vila Rica, em Minas Gerais, se tornava a Capital Mineira novamente. Havia uma disputa administrativa em torno da Capital de Minas Gerais, e sempre isto estava relacionado ao comércio de pessoas humanas, que era a grande fonte geradora de riquezas, pois sem salários ou preocupações jurídicas o trabalho de homens e mulheres obrigados a trabalhar sob a pena de surras e de morte era lucrativo demais, muita riqueza era simplesmente anexada aos patrimônios das ricas famílias, patrimônio que crescia e

crescia abundantemente. Em 1876 houve a construção da Cidade Administrativa de Ouro Preto e a Corte saiu de Diamantina em uma luxuosa e pomposa mudança, com os padres e bispos da igreja católica seguindo na frente com as cruzes e velas, e as sociedades secretas do Estado com suas vestes cabulosas seguiam atrás. A Monarquia do Brasil era composta de muitas sociedades secretas, muitos aglomerados ideológicos e místicos ocultos da população, religiões apenas para ricos. João seguiu a avenida, desceu aquele caminho conhecido, aquela ladeirinha, aquela paisagem, estava muito cedo fora do trabalho, só conseguiu ficar 50 minutos: um latejamento na cabeça o impedia de ficar no local de trabalho. Se levantou, pegou seu terno e saiu. Tinha vindo morar na cidade quando se casou, deixou o pai Augustus e os irmãos lá na roça, aprendeu a falar e escrever a língua portuguesa e veio para Florianópolis para aprender contabilidade pois gostava de matemática. E finalmente conseguiu um emprego. Sua cabeça tremia como uma música eletrônica. Tremia e mexia, a cabeça de João latejava. Não! Nada disso! Não, João não tinha ido para Florianópolis coisa nenhuma, nem tinha estudado, e muito menos sabia ler e escrever a língua portuguesa. Permaneceu no campo, o pai Augustus morreu de febre amarela, e João ficou o responsável pela casa, e depois sua mãe também morreu e os dentes da boca de João estavam todos podres porque ele viva na periferia e o Imperador do Brasil cortou o programa de bolsa imigrante e a família de João teve muitos óbitos, pela fome que se abateu pela região. Se você não tiver como dar um dano, se você não tiver condições de dar um contra-golpe na vida, quando as coisas ficam muito ruins! E se você não pode com a vida? E se você surge como ser vivo num contexto de merda? E se as pessoas explicam isso como sorte? João abriu os olhos. Não! O pai Augustus estava vivo sim, estava lá no interior, e ele, João, estava sim em Florianópolis. Parou na calçada. Estava se sentindo mal, precisava voltar para casa, para deitar e ficar quieto, tomar um remédio. Respirou fundo, se levantou e continuou a caminhar. As filhas estavam na Escola. E João foi caminhando. Ele tinha se lembrado da roça, e daquele menino preto, o Pererê, que ele nunca mais esqueceu o nome. Devia já estar morto, os pretos tinham média de vida de 35 anos no Brasil em 1876. Morriam de muito trabalho ou então assassinados pelos Capitães do mato, que tinham o poder de vida e de morte sobre os negros. Era um zelo mercadológico, o controle do trabalho era fundamental ao sistema inteiro nada funcionaria sem a Escravidão. Nada funcionaria, nem quarteis, nem igrejas, nem presídios, nem escolas, nem hospitais, nem padarias, nem jornais. 80% da mão de obra era de Escravos pretos. Os filhos mestiços com os brancos eram os primeiros assalariados, recebiam uma fúria mais branda, principalmente as mulatas no carnaval. João dobrou a esquina, viu um bar, um boteco, e resolveu beber um

pouco! Pererê trabalhou mesmo quando criança. Órfão ele virou brinquedo dos capitães do mato. Fugia do trabalho sempre que podia, ia pro mato, mas não tinha nunca um plano bom e não conseguia chegar ao Quilombo mais próximo, o Quilombo de Sabará, bem ao norte dali, perto das montanhas. Era preso, recapturado, e foi assim. Trabalhava, fugia, apanhava, trabalhava.

3.3. A fuga

Os dois estudantes de Medicina caminhavam pela praça, conversavam. O clima agradável de Santa Bárbara do Sul, onde a lenda do Saci Pererê tinha surgido, um espírito que vagava pelos pampas, um rapaz negro sem uma das pernas, pulando de lá pra cá em perfeito equilíbrio, com um chapéu vermelho e fumando soltando aquela chaminé de fumaça

— cigarrinho do capeta! Zé droguinha esse Saci! — riu Paulo Marcelo. Guimarães acompanhava o amigo nas piadas, e haviam muitas piadas com pessoas pretas naquela região. Em 1920 outra grande população de europeus chegaram até Santa Catarina, também fugindo da fome na Europa, mais uma vez. Naqueles anos tão complicados. E a região recebia imigrantes italianos principalmente desde muitos anos. Em 1923, ali naquela viagem dois futuros médicos foram conversar com o Sr. João, que morava na zona oeste de Santa Bárbara do Sul, e tinha conhecido pessoalmente o Saci Pererê, um velhinho aposentado viúvo que morava no fim da rua, naquela casa grande e bonita, cheia de árvores e de flores. Foram até lá. João recebeu os dois garotos. Tão jovens! Vão ser médicos? Paulo Marcelo era um rapaz da cidade que tinha ido para Minas Gerais estudar, e o outro era amigo dele, um cabeçudo de óculos, bom rapaz e educado. Se apresentaram, João precisava ficar sentado. Já não tinha coluna para andar muito, já beirando os 90 anos, a vida foi breve e trabalhosa. João era filho de Augustus, um imigrante que viveu no Brasil muitos anos até morrer e não falava uma palavra em português — João contou, acenando com suas mãos velhas para pontos inexistentes a sua frente. Segurava a bengala, olhava para os dois garotos estudantes de medicina — conheci o Pererê quando ele era uma criança — disse o Seu João, abraçado à bengala. Se sentindo importante sendo entrevistado pelos futuros médicos. Seus olhinhos azuis brilhavam, sua cara cheia de rugas se iluminou e por alguns instantes ele esteve na infância vendo aqueles pretos amarrados e aquele molequinho pretinho acorrentado. Os olhos se encheram de água e João fungou o nariz.

— depois eu o reencontrei já adulto, quando ele perdeu uma perna em um confronto com a polícia. Nos encontramos um dia que fui beber depois de passar mal no trabalho. Pererê estava muito mal lá no botequim de quinta categoria, uma miséria, e perseguido, ele ainda não era um Saci. Conversamos, ele estava se recuperando da amputação na casa de uns amigos que pretendiam levá-lo até um Quilombo — disse João, consultando sua memória. Os dois rapazes escutavam atentamente.

— Eu soube logo depois que ele se iniciou em religiões ocultas e ocultismo esotérico, virou estudante de Direito, advogado, praticante de magias negras e brancas, e aquela coisa toda de religião, Jesus Cristo, Aparecida do Norte, Bíblia escrita ao contrário, filmes de Polanski — João ia dizendo e se empolgando, gargalhando.

— Acusaram ele de ter matado uma família inteira, e prenderam e arrancaram a perna dele. Mas ele não fez nada foi um outro criminoso, já encontraram, e curiosamente era um homem branco — disse João. Tomava o café.

— Depois disseram que ele tinha virado um Saci. Era uma coisa importante né. — disse João. E conversaram a tarde toda na casa deste Senhor bondoso e solitário. Os dois estudantes de Medicina foram jantar e fazer os programas jovens da classe alta da cidade.

3.4. Se tornando Saci

Havia um brejo no final da rua. Correu, era o mais veloz que conseguia agora que era um aleijado. —Tinha que ir no tempo certo, tinha que ser metuculoso e anotar os detalhes — quanto mais lia o manuscrito, mais Guimarães Rosa desconfiava da sanidade mental de seu escritor, eram palavras delirantes, repetitivas, uma pesada broma sobre a estória dos amputados escravos, e por isso que a República Brasileira instaurada em 1889 não deu atenção aos escravos amputados, e eram muitos pelo território nacional segundo dados de 1860. — tinha que ir até o princípio do brejo. Chegar na entrada do brejo e pedir para a mãe do brejo para poder entrar. O brejo é aquele alagado com muito mato, quase não se vendo que tem água tamanha a cobertura verde. Só se percebe que tem água se olhar atentamente. — Sentado em um corredor, de estantes cheias de livros, o jovem Guimarães lia o manuscrito atentamente. Tinha chegado cedo, ficou a manhã inteira lendo, só parou para comer e ir ao banheiro urinar. Voltou, leu, almoçou, voltou, leu, até o final da tarde. De noitinha foi até um boteco tomar uma cachacinha e comer uma carne de porco com taioba. — tinha que chegar diante do brejo exatamente seis horas da tarde,

que é quando a lua está saindo no céu, e haverá proteção do escudo lunar. Então, é preciso entrar sem medo no brejo e andar até o outro lado do brejo, que é o brejo fundo. Se tiver cobra dentro do brejo? Se tiver sapo venenoso? Se tiver peixe-elétrico que dá choque? Se tiver peixe fininho que entra pela cabeça do pênis e atravessa a uretra para se alojar nos rins e parasitar? Se tiver sanguessuga? Bicho, tudo isso para um negro que está fugindo é algo simples. O maior monstro da natureza é o próprio homem, nada mais é tão horroroso no mundo do que um ser humano cruel. Pisou no brejo, a sola dos pés sentiu aquela superfície escamosa, estava pisando encima de um peixe de espinhos, então pisou suavemente, aqueles brejos brasileiros cheios de peixinhos, de coqueiros, de manguezais, de água parada, de mato alto, mato da altura de uma casa, de aguapé, de igarapés, de aves de brejo, de papagaios e maritacas, de coqueirinhos, muitas borboletas e insetos. Eu já falei de sanguessuga, de vespas e abelhas, de cachorro do mato, de cobras das mais variadas cores, era matão bravo aquele brejo, descia por uma ladeira, e lá em baixo tinha um córrego e uma prainha na curva do córrego. Como só tinha uma perna, dentro do brejo ele foi agachado, com as duas mãos na frente amparando, e i apalpando suavemente e entrando cada vez mais pra dentro do brejo, afastando as plantas da cara, tocando em superfícies debaixo da água podre, e sentindo os peixes passando perto do seu corpo! Tem cobra! Onde tem peixe tem cobra! — Guimarães entrou na Igreja de Santa Bárbara, bonita, de inspiração italiana, período clássico romano, pinturas pictóricas e vitrais coloridos, um sino que marcava as horas para a cidade. Rezou de olhos fechados. Grande silêncio do templo vazio. — foi se arrastando para o meio do brejo, a água já estava no pescoço, engatinhava no lodo escuro, sentia animais de todos os tamanhos passando ao redor de seu corpo, as mordidinhas dos peixes, o corpo das sucúris e jibóias passando por ele, e ele ia tateando, os olhos cheios de lágrimas entrando pra dentro do brejo no início daquela noite, no alto do céu a lua já ia. — quando amanheceu, Guimarães foi até a padaria, comeu pão com manteiga tomou café com leite e broa, comeu empada de azeitona e um pastel de carne, estava com fome, e recusou o suco de laranja. O hotel em que estava servia um lanche reforçado pela manhã. Foi até a biblioteca novamente e voltou a ler o manuscrito do Pererê. — chorava apertando os grossos lábios, se perguntava porque tanto sofrimento, foi quando escutou o latido bem próximo dos cachorros, eles estavam chegando! Já sentia os dentes do cachorro no pescoço dele, o hálito salgado dos cães, pesado, podre, a saliva afiando todos os dentes, muitos dentes na boca.

4. Voltando decepcionado para Belo Horizonte, Minas Gerais

Quando os cachorros chegaram bem perto veio um estalo do céu, um relâmpago quebrou o céu num barulho fortíssimo, os cães uivaram de susto e uma chuva poderosa caiu por todas as partes vigorosa, chuvão pesado imediato, e os capitães do mato e os cachorros fugiram correndo dali, e ele ficou agachado no meio das taioabas tremendo de frio e de medo, esperando uma nova prisão e muita pancadaria e talvez o fim definitivo, mas tomando a chuva na cara, e ao contrário, estava ali vivo. Para estar vivo basta ficar agachado — pensou, e ficou ali, mas a tromba água era bem forte heim, os relâmpagos quebravam trovões pelo céu e aquele ceuzão cinza pesado quase preto na cor, caiu como chuva salvadora; os capitães do mato estavam quase prendendo ele. Também fosse Deus inter-vindo. E o brejo foi enchendo de água, e ele deu de nadar. Mas tinha uma perna só, era no solavanco, como doía, ainda doía toda a extremidade da amputação, doía muito meu Deus, era assim dia e noite desde aquela tragédia, e agora, se recuperando, mas novamente fugindo, de novo por nenhum motivo ele virava caça. Seu corpo cheio de cicatrizes, e agora sem uma perna, e ele nem sabia como perdeu a perna, foi a tortura na delegacia, mas qual razão o levou a prisão? — Guimarães ficou de saco cheio. Leu até aquele trecho no alto da página, ainda havia metade do livro. Fechou o livro desanimado. Ajeitou os óculos. Ele tinha os olhinhos castanhos miúdos, e lentes grossas nos óculos. Olhou a biblioteca, vazia coitada. Tinha muitos livros é certo. Era o pouco costume do povo de ir lá para ler. Mas era um tesouro de livros. Se cansou um pouco da história daquele manuscrito. Era muita tristeza reunida. Foi pra casa, dormiu olhando as estrelas, o céu estrelado do sul.

No dia seguinte Guimarães Rosa voltou à biblioteca da cidadezinha, devolveu os manuscritos à bibliotecária, agradeceu, se despediu. Reencontrou seu amigo Paulo Marcelo. Não havia arte alguma naquele texto, e o médico desistiu de sua pesquisa. Era um assunto enterrado da história do Brasil, página virada e pronto — pensou. Foi até o bar, pediu um jornal e um café. Naquele tempo nos bares se comprava o jornal e o café. Se assentou na varanda do bar, tomando o café, tirou o chapéu, Guimarães ficou lendo a historinha em quadrinhos só Saci Pererê, e ria com gargalhadas. Quando ele lembrava do que estava escrito nos manuscritos, ele ficava triste. Saiu de Santa Catarina no trem das 6:00hs da manhã, chegou em São Paulo às 19:00hs, dormiu em um Hotel da praça Ipiranga, tomou o trem para Belo Horizonte e chegou na capital de Minas na manhã seguinte, e saiu andando pelas ruas de Belo Horizonte, já eram 17:45h, o sol da tarde, ele

estava bem, sentiu-se feliz, pensativo. Viu na sua frente o Saci Pererê pulando em uma perna, indo ali pela rua da Bahia em direção ao Mercado Central. Era uma alucinação, é lógico. A cultura brasileira é muito poderosa, todas as artimanhas que os brasileiros acrescentaram à língua portuguesa, e tudo mais, e tantas outras coisas, como a música e a poesia. Mas isso também era para reagir e vencer a dureza dos anos de formação do Brasil onde muita gente sofreu barbaridades para que o tecido social existisse. Os Pretos sofreram atrocidades monstruosas dos donos das fazendas, e o caso do Preto amputado, o Saci Pererê, e sua história mística e sobrenatural eram um legado à cultura do Brasil, sobre sua força psicodélica e especulativa. Em dezembro de 1923 foi um natal chuvoso, muita chuvinha. Guimarães continuou seus estudos de medicina.

Belo Horizonte, 2018